

GAZETA MEDICA DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XX

FEVEREIRO, 1889

N. 8

AS AGUAS INGLEZAS

ESBOÇO HISTORICO

As famosas *Aguas d'Inglaterra*, que encheram com a sua celebridade, e com o ruido das contendias entre os seus exploradores quasi dois seculos, teem uma historia extraordinariamente curiosa e interessante, qual a não terá talvez nenhum outro preparado pharmaceutico dos tempos modernos. Posto que pareça a sua historia tocar o seu periodo final, como dissemos no nosso precedente artigo, ella não está ainda terminada; e a occasião parece-nos opportuna para offerecermos aos nossos leitores os principaes factos e peripecias que se ligam á sua origem, e ás renhidas luctas que se travaram entre os individuos que fizeram d'aquellas aguas um ramo de negocio dos mais lucrativos, agora que o ex-Inspector Geral interino d'Hygiene julgou intervir officialmente na questão pelo modo já por nós apreciado no nosso ultimo numero.

O resumo que para aqui trasladamos, com a devida venia, é da penna de um distincto pharmaceutico portuguez, o Sr. Pedro José da Silva, tal qual o encontramos no seu importante livro *Historia da Pharmacia portugueza, desde os primeiros seculos da monarchia até ao presente*, Lisboa 1866; accrescentamos-lhe apenas algumas notas explicativas que podem esclarecer o leitor brasileiro que não esteja familiarisado com a litteratura medica portugueza do seculo passado e principio do actual.

Pela narrativa criteriosa, e pela apreciação imparcial do erudito historiador da pharmacia portugueza, verão os nossos

collegas o que foram, e o que são e valem hoje as aguas inglezas prohibidas ou as auctorisadas pelo ex-Inspector Geral interino d'Hygiene do Brazil.

• Data do 1632 a introduccão da quina em Hespanha; e passa como certo que foram os jesuitas, e á frente d'elles o cardeal de Lugo, quem por caridade ou por especulação commercial espalhou pela Europa o conhecimento d'este precioso febrifugo americano, com os nomes de *pós do Cardeal*, *pós dos Jesuitas* e outros. A forma pulverulenta não é a mais conveniente para fazer sobressair as virtudes medicinaes da casca puruviana; por esta razão ou porque para logo se radicou no povo a lembrança d'attribuir á quina o estado deploravel, em que fica o doente sezonatico, que fez uso dos seus preparados, a quina não adquiriu na Europa os justos credits de que gosava entre os naturaes da America meridional. E' certo que o uso da quina caiu em esquecimento.

Algumas dezenas d'annos mais tarde, já na segunda metade do seculo 17º, dous medicos, o dr. Talbot, inglez, e o dr. Fernando Mendes lembraram-se, quasi ao mesmo tempo, de fazer segredo d'uma preparação de quina. O dr. Talbot (1) usou largamente da sua, e com tantos credits que Luiz XIV lhe deu bóa dadiva, para que tornasse publica a composição do segredo. O dr. Fernando Mendes teve sorte semelhante: El-rei D. Pedro II deu-lhe generosa recompensa pela receita da sua *agua das sezões*, mas penso que o conhecimento da composição do medicamento não passou dos medicos, pelo receio de que o povo, sabendo que levava quina, se recusasse a tomal-o. (2)

Por morte do dr. Mendes o segredo da composição da sua *agua das sezões* passou a seus herdeiros, que continuaram a

(1) Sir. Robert Talbor, diz o Dr. Jonathas Pereira no seu tratado classico de *Materia Medica*, Vol. 2.º, part. 2.º, pag. 71, Londres 1857.— (Red.)

(2) A recompensa que deram ao Dr. Mendes os reis D. Pedro II de Portugal, e Luiz XIV de França foi de 60:000 crusados, segundo refere o auctor a pag. 131.— (Red.)

preparal-a e a vendel-a, distribuindo a cada comprador um quarto de folha de papel impresso com o titulo: « *Instrucções para quem tomar o remedio de D. Fernando Mendes* ». No principio do seculo passado e exactamente na *Gazeta de Lisboa*, n. 1, de 11 de janeiro de 1720 se lê o seguinte annuncio, ou *noticia*, como então se dizia:

« Agua de Inglaterra para sezões, composta pelo seu primeiro author o Dr. Fernando Mendes, vende-se somente na rua Nova, em casa de Dona Anna Maria de Brito: faz-se esta advertencia por haver quem diga que vêm corruptas, o que se não tem achado no decurso de quarenta annos, que a dita Dona Anna Maria de Brito as vende em sua casa ».

Um outro medico portuguez, Henrique de Castro Sarmento, pouco depois de se formar bacharel em Coimbra, sahiu de Portugal, fugindo aos rigores da Inquisição; depois de viajar pela Europa, assentou a sua residencia em Londres, onde abjurou a religião christã e abraçou o hebraismo, trocando o nome de Henrique pelo de Jacob.

Em 1735 publica n'esta cidade a seguinte obra, aperfeiçoamento d'uma outra do mesmo assumpto, da qual não temos conhecimento:

Materia medica, physico-historico-mechanica. Londres, 1735, 8.º gr. Foi reimpressa em 1758, 4.º gr. de 580 pag.

E' n'esta obra posterior, como se vê, quinze annos ao annuncio de Dona Anna Maria de Brito, onde acho pela primeira vez noticia da *Agua de Inglaterra*, denominação pela qual os herdeiros do dr. Mendes faziam conhecida a sua *agua das sezões* em 1720. Qual foi o motivo d'esta mudança de nome?

O dr. Fernando Mendes foi medico da irmã d'el-rei D. Affonso VI, a qual foi rainha de Inglaterra; provavelmente acompanhou-a a este reino e continuou a ser seu medico, por isso que mais tarde vemos em outros documentos chamar-lhe medico de suas Magestades Britannicas.

Chegou o dr. Jacob a travar de relações com o dr. Mendes? Foi este que mudou o singelo nome do seu remedio para a pom-

posa denominação de *Agua de Inglaterra*? Como foi que o dr. Jacob se lembrou de fazer uma imitação ou contrafacção, que em breve fez com que as duas denominações se tornassem synonymas? Vivendo o dr. Jacob em Inglaterra imitou o proceder do dr. Mendes ou do dr. Talbot? Não o sabemos. Mas é de suspeitar, associando ideias, que alguma coisa houve, que despertasse no dr. Jacob, longe da patria, a lembrança de fabricar um preparado febrifugo; homem de intelligencia e de bastante instrucção (3) conhecia os elementos precisos para fazer prosperar a sua tentativa, em concorrência com os herdeiros do dr. Mendes. Conta-se que o seu primeiro passo foi espalhar profusamente por estes reinos folhetos impressos, em que dizia ser a quina um veneno, quando se não sabia tirar-lhe as qualidades ruins por um excipiente apropriado.

Como quer que fosse, o dr. Jacob, na sua *Materia-medica* de 1735, encarece muito a sua composição, ao mesmo tempo que não perde occasião, apontando para o testemunho de pessoas notaveis d'este reino, de notar em phrase polida, e calculadamente, defeitos e falta de efficacia na *agua das sezões* preparada em Lisboa pelos herdeiros do dr. Fernando Mendes. Era com o pomposo nome de *Agua de Inglaterra*, que o dr. Jacob mandava para Portugal a sua composição; vinha de Londres em garrafas lacradas com o sinete, em que se lia, circundando a firma, «Studio et observatione». Primeiramente as garrafas venderam-se em Lisboa e em Coimbra nas boticas dos conventos ou collegios dos jesuitas.

Apparece aqui incidentemente um facto que desperta no homem pensador uma lembrança asquerosa da celeberrima companhia de Jesus.

Os jesuitas prestam-se a servir de instrumento de negocio a um renegado, que elles por sua intolerancia obrigaram a fugir do paiz. Os lucros em prespectiva calam-lhes na consci-

(3) Foi membro do Collegio dos Medicos, e da Sociedade Real de Londres (1730), e doutor do Gremio da Universidade de Aberdeen, na Escossia (1736).—(Red.)

encia, moldavel como metal fundido, os escrúpulos da fé; como a ordem não podia já ganhar com o sacrificio da victima, porque teve arte de se lhes escapar, para não perder tudo, acceitava-se a offerta que podia augmentar os rendimentos da confraria, embora viesse dos descrentes. O dr. Jacob conhecia a sociedade de Jesus com quem tratava, tambem como ella o conhecia a elle: não se esquece por isso de a incensar,—como ao correr da penna,—com os altos appellidos de muito doutos e prudentissimos padres, e semelhantes.

O negocio, porém, entre Jacob e os padres jesuitas não correu logo de principio nem muito liso, nem muito tranquillo. Sobrevieram desintelligencias que levaram aquelle a por á frente de sua obra a *advertencia ao leitor*, em que explica por miudos o caso, e faz a positiva indicação de que a sua agua só se vende em Lisboa e em casa do seu correspondente Jacome Valle Bella, acima do Chiado ao voltar para a Cordoaria Velha. Note-se que os padres jesuitas vendiam cada garrafa, ou como então se dizia, *cada cura*, pela pequena cifra de 6\$720!

Muita acceitação tinha a composição do dr. Jacob e muito nas vistas dava o grande consumo d'ella em Lisboa e por todo o reino e possessões. A concorrência que lhe faziam os jesuitas do collegio de Santo Antão, ao tempo de parceria com os descendentes de Fernam Mendes, não lhe fazia sombra. Como a fortuna luz e fascina não tardou a ter mais concorrentes. Foram seus imitadores um certo Miguel Soares da Maia, que se intitulava medico, pharmaceutico, chimico e pratico, e o dr. João Mendes Sacheti, amigo do dr. Jacob: e todos elles se arrogavam a gloria de extrair da quina as suas virtudes febri-fugas com desconhecido menstuo (4). A fortuna, porém, só sorriu prospera ao dr. Jacob.

Ao cabo de vinte annos, em que o negocio da *Agua de*

(4) José Henrique Pereira, *Discurso critico em que se mostra o damno que tem feito aos doentes e ao progresso da medicina em todos os tempos a introdução e o uso dos remediões de segredo*. Lisboa, 1785, in 12, pag. 121.

Inglaterra correu ás mil maravilhas (5) lembrou-se o dr. Jacob de mandar para Portugal a seguinte publicação:

Do uso e abuso das minhas aguas de Inglaterra ou directorio e instrucção para se saber seguramente, quando se deve ou não usar... Londres, 1756, 8.º gr.

Admira que só passados tantos annos fosse preciso um *directorio* do medicamento, que largamente se consumia e por bom preço. O fim, porém, do livro não é unicamente o que parece pelo titulo. Havia alguém já e da propria família do dr. Jacob, que se dedicava ou tentava fazer por sua conta a *Agua de Inglaterra*, e a vendel-a como procedente de Londres, e não se perdia nada em encarecer mais, se era possivel, a genuina agua. E' este *directorio* acompanhado d'uma *advertencia ao publico*, em que o autor, «porque reconhece a incerteza da vida humana, e se acha em idade avançada» declara que o segredo da verdadeira *Agua de Inglaterra* fica só, como dispõe em seu testamento, a sua mulher e por morte d'esta a seu filho Henrique.

Um outro motivo, creio eu, confrontando datas, levou o dr. Jacob a esta publicação. A *Pharmacopée Tubalense* trazia por extenso a pag. 779 do 1º volume parte 2ª a formula da receita do Dr. Fernando Mendes, (6) copiada da *Correcção dos Abusos* do dr. Frei Manoel de Azevedo; o author amargamente se queixa dos seus collegas por deixarem que um re-

(5) Em 1752 passou-se *resolução com data de 14 de Setembro isentando de direitos por seis annos a Agua de Inglaterra*; cit., por J. P. Ribeiro a pag. 30 do 6º tom. do seu *Indice chronologico*.

(6) A edição que vimos é de 1735, e a formula da Agua d'Inglaterra vem a pag. 754: é complexa, e demanda uma serie de operações pharmaceuticas sobre tres differentes *recipes*; no primeiro entra a Quinaquina, a Centaurea menor, a Aristolochia redonda e Vinho do Rhim; no segundo o Espargo, a Tanchagem, a Lingua de vacca e Agua; no terceiro, aos precedentes, preparados por digestão e decocção ajunta-se Anime branca ou Laca. D'isto resultava um liquido fermentescivel, turvo, com sedimento, rosado na còr, e com cheiro de cerveja, e effervescente ao desarrolhar a garrafa.

—(Red.)

medio conhecido fosse preparado por umas mulheres ou viesse de fóra com decantado nome. A acceitação da dita *Pharmacopéa* não podia ser olhada com indifferença por pessoa tão competente como era o dr. Jacob. De facto, ainda quando o ignorasse; não podia deixar de sentir os effeitos da publicidade da receita em obra tão procurada, pelo menor valor das sommas que lhe entravam em cofre. Jacob feito rabino d'uma synagoga de judeus, com quem em Londres convivia muito de perto, achava-se em circumstancias de conhecer os meios efficazes de fazer ir por diante até aos seus descendentes os lucros da sua laboriosa producção. A' publicação que lhe fazia baixar a procura, oppoz a publicação que a contrabalançasse nos seus effeitos, para que o saldo a favor fosse antes crescendo do que diminuindo.

Restam ao dr. Jacob mais alguns annos de vida. Em 1758 reimprime com grandes melhoramentos a sua *Materia medica*; e n'esta edição apparece uma prova de quanto foi excellente conhecedor do negocio. «Devo advertir, diz elle a pag. 417, que todas as minhas *aguas de Inglaterra*, só as mando em garrafas de meia cura ou de cura inteira, por varias razões, e cada uma d'ellas muito justa: 1º Por não obrigar a comprar a cada pessoa mais do que póde ou necessita. 2º Porque o pobre, que é capaz de comprar uma quarta parte, gosará do beneficio da agua que talvez seria impossivel, se não lhe vendesse menos de meia ou uma cura. 3º Porque nos casos, em que tres quartas partes podem conseguir a cura para que se hade comprar por força uma inteira? 4º E finalmente, por outra razão ainda mais principal e medica, que se offerece á primeira vista, e quem antes de nós a não viu, teria talvez os olhos cegos da conveniencia; porque depois de aberta a garrafa de meia ou de cura inteira, no fim do tempo que o enfermo gasta em ir bebendo a metade, já a outra tem perdido uma grande parte da sua virtude, e o que se evita, indo em garrafas de quarta parte».

O dr. Jacob conhecia cabalmente a theoria do bom commercio. Entrem-se o fogo, lançando no brazeiro o combustivel

por pequenas porções e previamente dividido pelo gume do machado. Assegura-se o consumo a um producto, offerecendo á procura, o maior numero possível de pontos de contacto d'elle com o consumidor. Que lição ha n'esta explicação do dr. Jacob! Os modernos, apesar de viverem no seculo das luzes, não dão melhores theoremas.

Estatuira o dr. Jacob que fosse de natureza inalienavel, em favor dos seus descendentes, a propriedade do seu medicamento. Quizera para os seus, o que elle não soube respeitar nos herdeiros do dr. Fernando Mendes. O homem põe e Deus dispõe. A despeito das suas providencias são aquelles mesmos de quem se queixou na *Gazeta de Lisboa* de 9 de Dezembro de 1756 e no *Appendice á Materia-medica*, que lhe roubaram e a seu filho a propriedade do medicamento, os sujeitos que vêm figurar mais tarde na lucta contra os pharmaceuticos portuguezes, que se resolveram a fazer a *Agua de Inglaterra*, que não era segredo para ninguem.

(Continúa).

UM CASO DE MORMO AGUDO NO HOMEM

Pelo Dr. BRAZ DO AMARAL

(Lido na Sociedade Medica da Bahia em 6 de Dezembro de 1888)

Na noite de 16 de Novembro ultimo chamaram-me para ver um doente que, segundo me informaram, tinha sido mordido alguns dias antes em uma das mãos por um animal que não chegára a ver.

Visitei logo na manhã seguinte o doente, que era um negociante de cavallos, domiciliado na parochia de Santo Antonio, á rua dos Perdões.

O Sr. G..., que era homem de seús quarenta a cincoenta annos, branco e bem constituido, tinha, quando o examinei, temperatura bastante alta, que calculei de 39 a 40 grãos, pulso ligeiro e irregular, de 108 a 112 pulsações, pelle humida, respiração suspirosa, e difficil por abundantes mucosidades accumuladas nas vias aereas; a lingua secca estava, como os labios,